

“Brincar a aprender e aprender a brincar”

Todos nós sabemos que a Educação determina o futuro do país e sendo o 1º Ciclo a primeira fase da escolaridade obrigatória, no Externato A Ritinha, privilegiamos a prática da educação de um forma criativa, interativa e o mais apelativa possível, indo de encontro com as necessidades e interesses de cada um dos nossos alunos.

Acreditamos que, através de alguma “brincadeira”, a par de um árduo trabalho por parte de toda a equipa educativa, conseguimos inculir nas nossas crianças, de forma subtil e sem que a escola se torne enfadonha e desinteressante, as mais variadas competências para que tenham a oportunidade de crescer e de se tornarem cidadãos resilientes, responsáveis, cooperantes e empreendedores, munidos de uma capacidade intelectual para investigar, enfrentar e solucionar desafios, para tomar decisões e desenvolverem iniciativa de forma inovadora.

Mais, queremos inculir nas nossas crianças a curiosidade, a proatividade e a capacidade de operacionalizar conhecimentos, atitudes e habilidades para se tornarem adultos bem sucedidos na vida pessoal, social e profissional.

Ao orientarmos a nossa prática pedagógica segundo o Movimento de Escola Moderna e segundo princípios baseados na ideia de que a escola se quer inclusiva, acreditamos que os alunos devem ser envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, isto é, são as crianças os construtores da sua própria aprendizagem e o professor desempenha um papel de orientador e gestor desse processo.

Defendemos que a aprendizagem deve ser vista como um acto que cada um elabora partindo dos conhecimentos que já possui, estabelecendo várias relações entre aquilo que já sabe e os novos conhecimentos que, em interação com os colegas e profissionais, vai construindo.

É através da promoção da interação com os outros, que preparamos os nossos alunos para a vida em sociedade. É imprescindível que as crianças desta nova geração, se apercebam de que numa sociedade complexa, na qual raramente se atingem objetivos sozinho, será pertinente fundir-se num conjunto mais vasto, para assim conciliar esforços com quem partilha do mesmo interesse. Só assim a competitividade, muitas vezes induzida até hoje nas escolas, será substituída pela cooperação e os alunos darão sentido às actividades realizadas em grupo, atingindo assim a satisfação, não apenas quando alcançam um objectivo, mas sim quando todos os seus colegas o atingem.

E como a cooperação em nada se contrapõe à valorização da autonomia, pois “não há cidadania sem pensamento autónomo e crítico” (Perrenoud, 2002), é importante frisar que privilegiamos o desenvolvimento desta competência, como forma de permitir aos

alunos descobrirem e tomarem consciência da sua própria maneira de aprender, podendo assim, melhor conduzir e gerir, de forma autónoma, a sua própria aprendizagem.

É através da diferenciação pedagógica e da importância que damos à interpretação e adequação aos diferentes ritmos e estratégias de aprendizagem de cada aluno, proporcionando experiências de aprendizagem o mais adequadas possível a cada um deles, que acreditamos que podemos marcar a diferença.

Como refere o professor Sérgio Niza, é portanto indispensável, acabar de vez com a indiferença à diferença, respeitar a individualidade de cada aluno e ensinar de acordo com as suas vivências, os seus interesses, os seus pontos fortes e as suas necessidades, pois só assim, estes progredirão a todos os níveis.

Enquanto educadores e professores deste colégio, tentamos organizar o trabalho, o espaço, o tempo e os recursos, de forma a permitir que cada aluno progrida consoante o seu ritmo de aprendizagem.

Quando questionei as crianças da minha sala, que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico, sobre “Como é que se aprende aqui?”, satisfeita e realizada, obtive respostas como “Aqui aprendemos sobre todas as coisas do mundo a brincar”; “Na nossa sala nós fazemos brincadeiras como experiências, jogos e passeios que nos ajudam a aprender melhor”; “Aqui é diferente porque enquanto estamos a aprender, podemos brincar com as coisas novas que estamos a conhecer e assim é melhor e mais fácil!”.

Pude assim constatar que a prioridade que damos a ensinar de forma “significativa, diversificada e integrada” dá realmente os seus frutos e que, como defende Zabala (1998), diversificar ao máximo as propostas de atividades, tornando-as familiares, criativas e próximas dos alunos, partindo, sempre que possível, dos conhecimentos prévios e interesses dos mesmos e possibilitando “trocas sistemáticas de produções e de saberes” (Niza, 1998), permitem, às crianças, experimentar a aprendizagem num clima de liberdade e espontaneidade.

Por último, mas não menos importante, é a prioridade que é dada à interação com as famílias e a comunidade, criando momentos de qualidade e de partilha e aproveitando todos os recursos que temos ao dispor, para tornar as aprendizagens mais ricas e culturais.

Professora de 1º Ciclo do Ensino Básico: Joana Martins Pereira